



Aprendizados a partir de Sistematizações de experiências da Troca de Saberes: relato de uma prática pedagógica com a Licenciatura em Educação do Campo da UFV

Learning from the Systematizations of experiences during the Troca de Saberes: report of a pedagogical practice of the Graduation in Field Education of UFV

DOURADO, Graziela Freitas¹; CARDOSO, Irene Maria²

¹ Universidade Federal de Viçosa, graziela.dourado@ufv.br; ² Universidade Federal de Viçosa, irene@ufv.br

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Esse relato trata de uma experiência pedagógica proposta para estudantes da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Licena) durante a disciplina *Seminários de Sistematização I*. O exercício propôs a sistematização de um dos espaços artístico-pedagógicos que acontecem durante a Troca de Saberes, evento que ocorre na Universidade Federal de Viçosa desde 2009, que propõe diálogos sobre Agroecologia com o povo do campo e a comunidade universitária. Esta experiência se mostrou frutífera, provocou aprendizados significativos e trabalhou habilidade importantes para os futuros educadores do campo.

Palavras-Chave: Sistematização de experiências; Troca de Saberes; Educação do Campo.

Keywords: Systematization of experiences; Knowledge exchange; Field Education.

Contexto

A Troca de Saberes é um evento realizado, desde 2009, na Universidade federal de Viçosa (UFV). O evento articula ensino, pesquisa e extensão através dos princípios da Agroecologia, da Ecologia de Saberes e da Educação Popular alinhavados pela ética e estética da arte e da cultura popular. O evento acolhe comunidades tradicionais, agricultores e agricultoras familiares agroecológicos, organizações e movimentos sociais do campo e da cidade e, através de processos de construção coletiva, proporciona espaços artístico-pedagógicos de vivências, diálogos e trocas de experiências entre estes sujeitos, a comunidade universitária e demais interessados. O evento é também um contraponto à força hegemônica do agronegócio, seu modelo de campo, de agricultura e de sociedade.

Miranda et al (2012) destacam que a Troca de Saberes vem se consolidando como um “laboratório” de tecnologias sociais e metodologias participativas, com destaque às Instalações Artístico-pedagógicas. Tais metodologias possibilitam as diversas de trocas, diálogos e vivências que têm favorecido articulações e desdobramentos diversos no campo da Agroecologia e a construção do conhecimento agroecológico. Nesta construção, deve-se negar a lógica da educação bancária, discutida por Paulo Freire, e romper com o modelo de modernização agrícola que reduz o sujeito do campo a consumidor de tecnologias de alto impacto social, econômico e ecológico.



Um importante desdobramento da Troca de Saberes foi a consolidação de um ambiente na UFV que permitiu, em 2014, a aprovação e constituição do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciência da Natureza, LICENA (MARLIERE, 2018). Desde 2017, é oferecida, a qualquer estudante de graduação da UFV, a disciplina “Projeto Troca de Saberes”, que propõe a participação de estudantes nos processos de organização do evento de forma dialógica e formativa.

A Licena tem como base a Pedagogia da Alternância, onde o Tempo Escola (TE) se alterna com o Tempo Comunidade (TC), como ocorre também nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e outras escolas do campo, porém no contexto universitário do ensino superior. Desde a constituição da Licena, a Troca de Saberes foi incorporada ao calendário letivo e é também um instrumento pedagógico do curso. Os desafios para se conciliar as intensas agendas de trabalho – para a realização da Troca de Saberes e do Tempo Escola – não são poucos e não são fáceis. Entretanto, acredita-se que os desafios podem ser superados à medida em que se aprende com a experiência dos anos anteriores. Segundo Jara (2006), é importante levar-se em conta que a prática social é histórica, dinâmica, complexa e contraditória. Trata-se de “experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis” (JARA, 2006, p. 21). Pode-se dizer então que a sistematização, de um evento tão rico como a Trocas de Saberes, além de configurar-se em um processo de reflexão e compreensão é também um potencial processo de construção de aprendizagens significativas no âmbito da Educação Formal e da Agroecologia para os estudantes da Licena e dos demais cursos da UFV.

A sistematização é um “poderoso instrumento para a prática transformadora”, sobretudo quando protagonizado pelos próprios sujeitos e grupo populares. Desse modo, a sistematização da Troca de Saberes foi proposta aos estudantes do último ano da Licena, durante a disciplina *Seminários de Sistematização I*. O relato que se segue trata desta experiência de sistematização.

Descrição da Experiência

A aula em que a atividade relatada foi proposta começou com a apresentação de um trabalho em grupo iniciado na aula anterior. A turma estava com um clima de tensão no ar, a apatia era generalizada. Talvez fosse pelo remanejamento da sala de aula para um pavilhão distante, onde a turma, que é grande (87 estudantes), não cabia confortavelmente (um dos desafios da organização do TE é reservar salas que comportem as metodologias circulares propostas, sobretudo para um grupo grande). Talvez fosse o peso da responsabilidade do último ano que começara, é ano de apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso, entre outros sentimento que envolvem o fechamento de ciclos. O fato é que era preciso algo que ajudasse a elevar a energia da turma. Para iniciar os trabalhos, uma das professoras, que sempre tem um pandeiro ou um chocalho em mãos, pensou: uma música! Mas, havia uma estudante surda em sala. O que fazer?! A inspiração veio imediatamente e inspirada em uma roda de capoeira que havia acontecido na noite anterior. A



professora propôs cantar a música “quem te ensinou a nadar/foi, foi marinheiro/foram os peixinhos do mar” – canção curta, de fácil assimilação de letra e ritmo contagiante – através de gestos para que a colega surda pudesse cantar também. Imediatamente surgiram propostas de gestos e estávamos todos cantando, gesticulando e rindo. A música e a solidariedade transformaram a energia da turma, que se mostrava tensa e apática.

Nos dividimos em dois grandes círculos, pois, como de costume na Licena, eram duas educadoras em sala e foi feita a seguinte pergunta geradora: qual a experiência mais significativa vivenciada por você nas Trocas de Saberes? Como eram estudantes de fim de curso, cada um participou de pelo menos três eventos. Cada estudante anotou sua resposta em uma targeta e juntos fomos identificando em quais dos Espaços Artístico-pedagógicos (esta nomenclatura e definição surgiu durante a aula) a memória do estudante estava localizava. Identificamos a existência dos seguintes espaços: Mística de abertura; Cultural; Peneirinhas e Peneirão (uma releitura agroecológica de Plenarinhas e Plenarão); Instalações Artístico-Pedagógicas (Miranda et al., 2012); Troquinha (Ciranda para as crianças); Tenda da Cura; Niguara Puri (Tenda dos povos originários); Troca de Sementes; Ato Público; e a própria estrutura física do evento, identificada como Aldeia de Bambus, construída em um dos gramados da UFV, denominado gramado escola, e que abriga as atividades gerais do evento, essas estruturas são geodésicas de bambus.

Os relatos foram diversos e ricos em emoções e sentimentos e cada um deles trazia aprendizados diferente. Houve aqueles que participaram da construção das geodésicas e falaram da importância das construções em bambu para a soberania e geração de renda das comunidades rurais e como representam soluções mais sustentáveis para a sociedade como um todo e estratégia de resistência à mineração. Houve aqueles que descreveram em detalhes a mística de abertura da Troca do ano anterior e relataram as emoções, sensações e reflexões que aquele momento lhes havia proporcionado. Teve também quem descreveu uma Instalação e como a facilitadora tinha proporcionado um momento de discussão tão rico e significativo que ficou guardado na memória. Não é à toa que Eclea Bosi (2003), Psicóloga Social, diz que a memória tende a armazenar lembranças que, por algum motivo, se relacionam à afetividade das pessoas!

À medida em que a lembrança era relatada tecíamos reflexões sobre a importância e os sentidos pedagógicos de cada um daqueles espaços e da Troca de Saberes como um todo. Conversamos sobre a importância de promover aquele encontro e sobre como algumas descobertas e articulações acontecem graças a ele e como ali se dão processos de construção de conhecimentos agroecológicos. Após essa rodada de conversa a turma se juntou novamente e os estudantes foram provocados a se reunirem em grupos para fazer um exercício de sistematização de algum daqueles espaços relatados a partir da memória afetiva e identificados enquanto espaços da Troca de Saberes seguindo o roteiro a seguir, em que os Objetivos Geral e alguns específicos foram dados. Os grupo poderiam adaptá-los ou acrescentar outros objetivos específicos, desde que o foco fosse o processo



pedagógico do espaço em questão. O roteiro proposto foi: i) defina o objeto (o espaço artístico pedagógico escolhido para ser sistematizado; ii) justificativa da escolha; iii) Objetivo Geral; objetivos específicos; iv) metodologia a ser utilizada na sistematização; v) resultados esperados e como comunicar os resultados.

Como houve espaços que mais de um grupo gostaria de sistematizar, cada grupo escolheu um objetivo específico do espaço vivenciado para sistematizar. Por exemplo, a Troca de Sementes foi escolhida por três grupos, o primeiro optou por sistematizar o papel dos guardiões das sementes, o segundo aspectos relacionados à socioagrobiodiversidade presente e o terceiro lançou o olhar sobre os processos metodológicos e pedagógicos utilizados. Os estudantes se separaram de forma livre, de acordo com suas afinidades interpessoais e com o tema/objeto escolhido. Foram constituídos 13 grupos.

Resultados e reflexões

Os estudantes planejaram a sistematização de um espaço da Troca de Saberes já vivenciado por eles, pois a participação é um elemento fundante da sistematização. Teve-se como pressuposto que “na Educação Popular, a Sistematização é uma espécie de criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, a partir de e para a ação de transformação, entendida como a construção da capacidade protagonista do povo (CADENA, 1987 apud JARA, 2016, p.23).

Os estudantes foram estimulados a planejar a sistematização a partir dos princípios e elementos fundamentais à sistematização defendidos por Domenico Corcione (2016), em texto publicado com o título Sistematização de experiências de incidência política. Após a seleção do espaço a ser sistematizado, os estudantes deveriam justificar a importância daquela sistematização. Este procedimento teve como objetivo elaborar argumentos que relacionem um aprendizado significativo vivenciado a conceitos e a conteúdos caros à Educação do Campo e Agroecologia trabalhado ao longo do curso, como Socioagrobiodiversidade e Soberania Alimentar. Na sequência, os estudantes deveriam pensar uma metodologia de coleta de dados a partir do objeto escolhido. Durante o planejamento da metodologia, os estudantes foram provocados a refletir sobre como as experiências proporcionam aprendizagens distintas para diferentes sujeitos, ou seja, as percepções, interpretações e interações de diferentes sujeitos sobre com um mesmo fato são diversas. Por isso, os estudantes foram provocados a utilizar metodologias participativas de coleta de dados conhecidas por eles durante o curso, bem como a utilizar pesquisas bibliográficas. Por último, eles deveriam escolher uma forma para comunicar os principais resultados, aprendizados e reflexões construídos a partir do processo de sistematização, refletindo sobre a forma e linguagem mais adequada para se fazê-lo.

Para facilitar e enriquecer a etapa de coleta de dados, tendo em vista o cronograma do TE, foi pensada uma aula conjunta da disciplina Seminários de Sistematização I, da disciplina Orientações da Pesquisa-ação (do 5º período da Licença), da disciplina



Projeto Troca de Saberes e da disciplina Instrumentação para o ensino de Biologia. Participaram da aula aproximadamente 170 educandos e 9 educadores. Trabalhamos com a metodologia do Carrossel, onde a cada rodada os estudantes passavam por uma de três etapas que compunham o circuito. Cada etapa tinha um objetivo e era organizado por estudantes de uma disciplina que se revezavam. O objetivo dos estudantes da disciplina Seminários de Sistematização I foi apresentar de forma participativa a proposta de sistematização, obter sugestões para a proposta e já iniciar a coleta de dados para o processo de sistematização. Essa aula foi bastante rica, durante a avaliação do espaço surgiram falas sobre a importância de se ver no olhar do outro. As demais disciplinas envolvidas também cumpriram seus objetivos.

Durante o exercício de planejamento da sistematização foi possível identificar alguns processos importantes de compreensão da Sistematização. Para ilustrar um desses aprendizados, pode-se citar a pergunta elaborada por uma das estudantes: “professora, mas onde vai entrar o que a gente pensa sobre o que a gente está sistematizando?”. Ela escolheu sistematizar a Trocas de Sementes e seus aspectos metodológicos e pedagógicos. Para ela, o espaço era importantíssimo, mas as pessoas ficavam tão afoitas para pegar as sementes que não davam a devida atenção ao espaço e seus processos pedagógicos. A partir desta pergunta, pudemos refletir sobre o papel do sujeito na sistematização e também, fazendo um paralelo, nas pesquisas científicas; conversamos sobre neutralidade nas Ciências e sobre a importância do protagonismo dos grupos populares no processo de sistematização.

Segundo Jara (2006), sistematizar é um desafio político pedagógico que se baseia na relação dialógica e esforço de interpretar criticamente os processos vividos. Para o autor, que pensa a sistematização enquanto uma ferramenta fundamental para os processos formativos e de organização de grupos populares, a sistematização, além de dialética é também processo participativo.

Outro desdobramento desse espaço foi a organização de um curso de construção em bambu no território dos estudantes que escolheram o espaço da “Aldeia de Bambu” e o plantio de mudas de bambus gigantes em suas comunidades.

Com o fim do Tempo Escola da Licença e o retorno dos estudantes a suas comunidades, os estudantes continuaram o processo de sistematização a partir dos territórios, a sistematização será finalizada ao final do segundo Tempo Escola e os estudantes comunicarão seus resultados e lições aos participantes da 11ª Troca de Saberes (12-15/07/2019).

Resultados

Os processos desenvolvidos a partir da elaboração do roteiro de planejamento da sistematização: construir argumentação que justifique a importância de um tema, propor metodologias participativas de coleta de dados a partir de um objetivo dado e



identificar formas e linguagem adequadas a diferentes tipos de público configuram-se em importantes aprendizados para a formação de educadores do campo, assim como para protagonistas da construção do conhecimento agroecológico.

Referências bibliográficas (quando houver)

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: Ensaios sobre Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CADENA, Félix. **La sistematización como creación de saber de liberación**. Guía para la consolidación de procesos de sistematización y autoevaluación de la educación popular. CEEAL, 1987

JARA, Oscar. **Para sistematizar Experiências**. Brasília: MMA, 2006. 128p.

MIRANDA, E. L.; SILVA, L. H.; ZANELLI, F. V.; BHERING, M. S. **Troca de saberes**: novos enfoques metodológicos na construção do conhecimento agroecológico na zona da mata mineira. 2012